

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcelles, 6 de dezembro de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcelles) 480, (Provincias) 600

CONTO DE COSTUMES TRANSMONTANOS

Na encosta ingreme, escalvada e secca, cheia de urzes e mato arnal, ao fundo, ficava a pequena casita do tio André, com a sua olga regadia, da mina da fonte, quintalinho muito bem tratado, com a sua plantação de tabaco em linhas longitudinaes, uma vinhasita ao nascente, florida, pampanos verdes e viçosos, e ao poente o pequeno pomar—umas figueiras uberrimas, sardeiras com o seu fruto vermelho e rubro, e algumas pereiras verdes, d'um verde escuro, animador e vivaz. N'um canteiro, ao centro, o morangal luzidio no seu fructo côr de labios virginaes, assim como um tapete de saudade no coração amantissimo d'uma virgem trahida, que se desfaz em lagrimas e em soluços. Lagrimas d'amor, que são vermelhas e quentes como um morango maduro; soluços estallantes, que são amargos e cheios de coacia, assim como as folhas que escaparam a um morangal roubado...

Passava, mesmo á beira, o Pinhão, o pequeno riacho escuro, d'um escuro acre, sobre o barrento, a côr pardacenta, calcárea, de tolos os riachos transmontanos.

A tarde era calamitosa. Tinha nevado e tinha venta lo muito. A neve em coagulações de confeitos duros; o vento em nós desfeitos d'um calibre duro, que se parte em estilhas seccas, no linho crú do seu entorce barbaro.

A geada plumbeou as folhas das vides; depois o vento, açoutando-as, fel-as cair na terra arida e secca, e levou-as n'uma voragem doida. E as vides ficaram vivuas, e as cepas ficaram desoladas, com os pampanos mirrados! E, depois, a ventania continuou, e a saravada repetiu-se, e a trovoadá ululou o seu estalante cantico funereo, e veio a inundação!

E a pequenina olga do tio André, o seu pomar, o seu tabaco, as suas figueiras, as suas vides, o seu luzidio morangal, foi tudo parar á corrente caudalosa, á doida corrente do Pinhão...

Na varanda da casa, a fronte apoiada na mão direita, e a esquerda sobraçando ainda o sacho bicorne, com que andara desviando o enxurro e abrindo os boeiros á inundação, o tio André olhava o céu, fitando-o para cima, da janella

do occidente, e dos olhos inchados corriam-lhe lagrimas grossas em fio.

—E fico desgraçado! Ai da minha pobre filha!

A inundação ia arrastando, n'um torvelinho medonho, as ultimas cepas e os ultimos forralvos.

*

Abriu-se o portal: O tio André desandou a cabeça a ver quem era.

—Ahl sr. João Bernardo. Estou desgraçado.

—Não te afflijas, André; não esmoreças.

O sr. João Bernardo sentou-se ao pé do pobre velho, n'uma cadeira de pinho, toscá e dura, e offereceu-lhe tabaco.

—Anda: fuma. Olha que é da melhor manoca do meu cultivo do anno passado. Faz lá esse cigarro. E offereceu-lhe um livrinho de mortallas da fabrica *Duero*, papel hespanhol, duro, muito encorpado.

—E as suas vinhas, sr. João Bernardo, lá vão com Deus?

—Não houve duvida; e tu não te amofines que para nós ainda lá está o piparáo da entrada... Bem sabes.

—E' verdade; ó Engracia, então o sr. João Bernardo hoje não bebe?

A Engracia trouxe um copo de alvaralhão, e poz na meza azeitonas luzidias, o epicarpo já encarquilhado do sal e do vinagre forte.

Merenhou-se. O tio André, mais socegado um pouco, mandou vir ainda um copo de mourisco branco, branquinho, que já estava no fim e disse á Engracia que fosse chamar a filha a casa da D. Dorotheia.

—Que viesse, que a desgraça não era tamanha como elle cuidara, e que estava em casa o sr. João Bernardo.

—A' saude da sua estremosa filha, tio André.

—E á saude do meu visinho e do meu melhor amigo, sr. João Bernardo.

E os copos esvasiaram-se.

*

Quando a Julita entrou, estava o pae na cosinha, com o sr. João Bernardo: casinha pequena, as paredes de pedra moreira, pedia escura e negra; mas havia uma fogueira luminosa, crepitante, atejada da secca lenha dos capões. O pae, com as lagrimas nos olhos, logo que ella entrou foi abraçá-la, dizendo-lhe:

A LAGRIMA

—Mais uma vez, minha filha aqui temos o sr. João Bernardo a acompanhar-nos na desgraça. Já quando foi que os lameirinhos seccaram e que a fontinha não deu nada, já este nosso bom visinho nos veio consolar, e nos deu depois do seu casal. Na povoação não ha outro homem assim...

—Sabe que mais, tio André, vou-me embora. Eu, para elogios na cara...

—Mas é a verdade, sr. João Bernardo, interrompeu a Julita.

—A verdade é que eu já merendei, e agora, como a Julita ainda não ceou, vamos todos cear a minha casa.

O tio André não queria: ainda não tinha dado a comida aos recos: era preciso que a Engracia arrumasse no lagar uns capões que estavam á chuva...

Mas sempre foi. A filha pediu-lhe que fosse, que fizesse a vontade ao sr. João Bernardo.

E podera não querer ir! Ia ver de perto, hombro a hombro, a luz dos olhos d'elle, do seu querido Arnaldo, inundando de effluyio doce os olhos d'ella... O seu caro Arnaldo, que ella adorava desde creança, a quem sonhava pertencer, apezar d'elle ser rico, filho unico do sr. João Bernardo, e ella uma pobre costureirinha, filha do tio André, do pobre tio André... E aquelle amor dos dois era tão doce, como os favos de mel das suas abelhas do pomar, como o banho almiscarado dos primeiros raios do sol a dourar o seu morangal maduro...

Os paes não sabiam, não desconfiavam...

*

Côrreu a ceia muitissimo bem. No final o Arnaldo, o filho mais velho do sr. João Bernardo, sahio-se, porém, com um brinde, que fez um desarranjo completo na alegria do festim.

—Eu brindo, disse elle, á olga arruinada do tio André. Brindo a esse pedaço d'alma d'um agricultor pobre, mas instruído, a esse pequenino jardim que a estas horas vai boiando na agua barrenta do Douro...

—Que dizes tu, Arnaldo?

—Digo meu pae, que brindo a essa olga abençoada, onde se embalaram os cantos mais suaves do meu coração feliz, onde bebi o amor mais puro e santo... A essa olga bemdita, onde eu, á sombra dos sabugueiros e entre a pujança dos pampanos americanos, jurei amor eterno á minha querida Julita...

—Oh! mas que dizes tu, meu filho?...

—Digo isto, meu pae. Já que acaba de dizer que está sempre ao lado do tio André, quando a desgraça o persegue, eu estou tambem ao lado da Julita... E a olga, o pomar e o morangal que a inundação arrastou ao Pinhão eram d'ella; era a sua legitima materna. Por isso eu

quero protegê-la, quero compartilhar da sua desgraça... porque já lhe dei o meu coração em troca...

E, levantando-se, foi abraçar o pae, dizendo:

—Consinta, meu pae, que a Julita, seja minha.

E para o tio André:

—Deixe-me pelir-lhe a Julita.

Houve uma confusão completa: lagrimas, protestos...

Mas, na semana immediata realisava-se o casamento na igreja de Passos...

13-5-99

Silva Esteves

No inverno passado um individuo conversador, de ao pé da Trofa, em caminho de ferro, contou-nos um engraçado caso, sobre que tomamos apontamento e do qual só conservamos, em memoria, o *enredo*, porque os nomes do legar e personagens, foram c'o a breca, no papel que os continha.

*

Um homem casado tinha relações amanteticas com uma mulher que morava em casa distante poucos kilometros da sua.

Quando a visitava, era montado n'uma mula corredoura, ricamente ajaezada á alemtejana.

O animal conhecia pela pratica e pela finura propria o caminho, como nós conhecemos as dependencias da casa em que vivemos.

Preso uma vez á argola da casa onde seu dono se demorava, certo lusco-fusco, a dar á lingua com a sua adonis, uns individuos de espirito—os diabos parece que tiveram a nossa escola!—desprenderam o animal e na cabeça-lhe collocaram um bilhete com estas dizeras: «Fulano está com a amiga, n'este momento». Deram duas vergalhadas na mula e o bicho foi n'um trote igual até casa da ama onde com dois rinchos de satisfação annunciou sua chegada a s'no e salvo.

*

Acabada a entrevista o protagonista d'esta comedia, que estava regalado com os gargarejos perante a Dulcinêa, procurou com a vista a companheira ferrada, para regressar a panates, e informado de que «o animal tinha sido visto correr, só, em direcção ao *cardeullo*», houve por bem metter os butes ao caminho até á sua residencia, aonde o esperava o... sermão do encontro.

Aquilo dizem-nos que foi o descimento da cruz...

Recbemos e damos publicidade á carta que segue, devida á pena do nosso antigo collega e amigo Ayres Duarte, sobre essa *infausta* questão da Assembléa:

Sr. Redactor:

Comquanto a minha vida psychica presentemente não se preste a manifestações de pruzer, não me pude furtar, na penultima quinta-feira, a uma salutar e espontanea gargalhada ao ler a descoberta que os da «Folha da Ma-

A LAGRIMA

nhã» fizeram na minha humilde individualidade—ser politico e progressista—, e para a afirmativa de tão grandioso achado dizem no jornal d'aquelle dia: *sempre em Barcellos o emhecemos progressista e até collaborador da gaita, ainda não ha muito, e n defeza dos progressistas e n ataje aos regeneradores.*

Curvo-me perante a força de tanta logica!

¿A que conclusão os levará o seu raciocinio e como classificarão a minha politica se a memoria lhes disser da constante e insistente mendicancia da minha collaboração para o *berimbau* (chamo-lhe assim para o distinguir do outro a que dão a designação de gaita) que o actual proprietario sr. José Gonçalves da Silva fez durante mezes, pedindo-me até para me encarregar da revisão e direcção do jornal?

E V... sr. redactor, que ao tempo era o director tecnico da typographia onde se toca tal *berimbau* sabe-o muito bem. São duas testemunhas vivas e incapazes de mentir.

Vá lá mais esta. Ha pouco mais d'um anno, na tarde d'uma quarta-feira foi-me pedido o obsequio da revisão da primeira pagina da «Folha», por estar no Porto o sr. Albino Leite.

Eu que, em collaboração jornalística, tenho sido como diz o vulgo «pau para toda a colher» rabiscando na Aurora do Cavado, Gazeta do Povo, Ideia Nova, Barcellos Regenerador (1.º numero), Lagrima, Commercio de Barcellos e Folha da Manhã, sou progressista, e peor ainda—que grande crime—dando fífias na *gaita!*

Valha-os Deus, que bem póle, se quizer.

Nem os progressistas precisam que eu os defenda, e nem eu tenho por que atacar os regeneradores. Em Barcellos, onde resido desde 1889, ha apenas 7 pessoas, que militam nos dois partidos com quem estou malavindo. No resto nte da sua numerosa população vivemos como Deus com os Anjos.

Desfazer mentiras mostrando a verdade, não é defender uns, nem atacar outros.

E por aqui me fico, agradecendo a publicidade d'esta carta, que repercute os ultimos sons do meu gargalhar involuntario.

Barcellos 30 de 11 de 1900.

De V.

Avelino Ayres Duarte

Nós que nunca aqui transcrevemos nada, achamos tão flagrantes as palavras que seguem, d'um distincto collaborador do «Povo de Aveiro», que nos vemos obrigados a fazel-o hoje.

«O homem que tem consciencia de si valo tanto comendo bacalhau como comendo miolos do canario ou lombo de lagosta, usando botas grossas como botas de polimento, andando de luvras como andando sem ellas, sendo filho de um varredor ou filho d'um fidalgo e vale menos que um caracol porque não passado ultimo dos vermes quann

do quer passar por filho d'um morgado sendo filho de ferrador ou quando quer comer pepipes e usar luvras, não lhe permitindo os seus recursos comer mais do que sardinha ou andar com a mão nua.»

Como nós nos encontramos actualmente sem o rico dinheirinho do annuncio grande.

Uma magreza esquelética...



Como temos esperança de ficar.
Górdos como o Alpoim...



Já vêem os leitores que o *arame* ha de ter influencia no nosso organismo, como se tomassemos tres quintaes de chocolate Mathias Lopes durante 8 dias.

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a carta das Necessidades, o que nos pesa sobremaneira. Irá no proximo numero.

A LAGRIMA

O sr. Carlos Antonio da Silva, official de diligencias em Espozende, a quem não enviamos a «Lagrima» por nossa iniciativa, mas porque a sua assignatura nos foi solicitada, pregou-nos o *cão*...

Durante um anno o sebento (elle foi sebeiro) riu-se á nossa custa e nós agóra, sem nos custar nada, tambem nos vamos rir... d'elle.

Mandamos distribuir este quizenario n'aquella villa a todo o bicho carêta, ao Gaita, ao Chasqueiro, ao Cidade, para deitarem bando por a povoação, em voz que as multidões aterre:—«Citando o sebeiro, como official de diligencias, os outros, quem o ha de citar a si?»...

O professor de Gilmonde correu á relação do nosso collêga da «Folha» a dizer, em estylo claro e preciso, que os galfarros do sr. Burnay praticaram scenas escandalosas n'uma venda em Barcelinhos onde suppunham topar lumes de pau, lumes que a Companhia dos Phosphoros é obrigada á vender ao publico, o que não faz, contentando-se, *sómente*, em perseguir á mão armada os que clandestinamente os fabricam, os que revendem, os que usam.

N'um assumo de indignação justa, o illustrado informador supracitado, diz ao povo que se defenda.

Sem entrarmos em considerações especiaes—nas quaes iria o nosso pensar resumido em que ninguém, em regra, se defenle sem comprehender que está offendido e no nosso paiz ha 80 % de analphabets—nós diremos ao mestre de Gilmonde que, ainda depois de roubados, sômos comidos...

Aquella noticia dada á «Folha» e communicada por ella ao publico, é nem mais nem menos, que um *attestado* passado, com grammatica e senso, aos esbirros dos tabacos, comprovativo do *serviço* que fizeram em Barcelinhos.

A noticia da «Folha» em vez de magoar os empregados da Companhia, contenta-os e, por seu turno, ella ri—e rirá até que um dia os candieiros tenham em Portugal um papel em vez de ser na illuminação, antes edificante!...

Estes e semolhantes relatos jornalisticos, como dissemos, servem os trabaqueiros de *documento* ao seu muito zêlo pelos interesses do sr. Burnay e quejandos monopolistas d'este paiz, porque d'isso temos conhecimento por um empregado d'aquelle judeu.

Um rapaz que anda na escola e sabe jt muito bem dizer: b á ha, fugiu a burra; b é bé, manca d'um pé; b i bi, eu bem a vi; b u bu, tu te ru tu, quebrou um objecto pertencente a um irmão mais velho, do que resultou receber o competente castigo, que foi um puchão de orelhas, dois bananos e um pontapé.

O rapaz, não se poden lo desforçar em virtude da sua idade e vigor muscular não lh'o permittir,

ruminou noite e dia, dia e noite, n'uma vingança cruel.

E praticou-a de tal ordem que foi bater já noite á porta do seu professor—muito conhecido—que o acompanhasse a casa, pois o pae lhe batia.

De fôrma o rapaz chorava tanto, que o mestre escola condoeu-se do petiz e foi com elle interceder junto do *patriarcha*, afim de que se condoesse do pequeno.

—«São rapazes!», disse o pedagogo.

—«Qual rapazes nem meio rapazes? Eu no meu tempo não fui assim!... O sr. não sabe o que o maroto fiz!...»

—«Diga antes—fez», emenda o professor.

—«...Pois sim... Mas deixe contar a tratantada.

O maroto apanhou o irmão mais velho a dormir, e para se vingar d'elle, não sei porquê, levanta-se de mansinho, acende uma vela, pega n'um caustico fresco, ainda por servir, porque não foi utilizado para a doente (a patrão), aquece-o á luz e depois de levantar a roupa da cama—aproveitando-se do somno pesado do maroto—chimpa-lhe com elle, sr., onde as costas mundam de nome... Já hoje de manhã, por causa da bricaadeira, veio ahí o medico.»

Hão de concordar que ha vinganças politicas ridiculas; outras vergonhosas entre familia—to-las inferiores na originalidade—porém esta é unica.

O pequeno se chega a ser camarista, continua com a avenida do comiterio até S. Verissimo, se lá tiver propriedades, bem entendido...

Tem ideias...



O Mineiro prometteu uma volta de joelhos á ermida de N. Senhora da Franqueira, se vencesse, como venceu uma demanda.

Montou n'um jericó para ir áquelle ponto, porém, afim de não ir de pernas de rasto, teve de as botar ao... *tiracolo* de dous homens de S. Paio.